

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA CLÍNICA

A FELICIDADE COMO BUSCA EXISTENCIAL EM SANTO AGOSTINHO

FRANCISCO EDIVAN MOTA DE CARVALHO
JOSÉ OSMAR GONÇALVES SILVA
MARCELO DA SILVA LIMA

ANÁPOLIS - GO

2020

FRANCISCO EDIVAN MOTA DE CARVALHO
JOSÉ OSMAR GONÇALVES SILVA
MARCELO DA SILVA LIMA

A FELICIDADE COMO BUSCA EXISTENCIAL EM SANTO AGOSTINHO

Monografia apresentada a Faculdade Católica de Anápolis, como requisito parcial para a obtenção do grau de Pós-graduação e Especialização em Filosofia Clínica, sob a orientação da Prof. Carla Hagemann.

ANÁPOLIS - GO

2020

FRANCISCO EDIVAN MOTA DE CARVALHO
JOSÉ OSMAR GONÇALVES SILVA
MARCELO DA SILVA LIMA

A FELICIDADE COMO BUSCA EXISTENCIAL EM SANTO AGOSTINHO

Monografia apresentada a Faculdade Católica de Anápolis, como requisito parcial para a obtenção do grau de Pós-graduação e Especialização em Filosofia Clínica, sob a orientação da Prof. Carla Hagemann.

Anápolis GO, ____/____2020.

Banca Examinadora:

Marisa Rosedo

1º examinador

Carla Hagemann

2º examinador

Arascely

3º examinador

AVALIAÇÃO FINAL _____

DEDICATÓRIA

Primeiramente ao Deus de misericórdia, cuja honra e glória dedicamos este trabalho, no desejo de amar-vos com maior ardor. Dedicamos também com amor e carinho a todos os nossos professores, especialmente, ao Lúcio Packter e Carla Hagemann que ajudaram na nossa formação e orientação ao longo do tempo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, fonte de toda graça. Gratidão eterna é o que sentimos. Agradecemos aos nossos familiares pelo amor dispensado a nós. Aos nossos queridos irmãos de turma. A todos aqueles que contribuíram de forma direta na efetivação deste projeto. Por fim, agradecemos a professora Carla Hagemann que acompanhou-nos de forma muito especial para a elaboração deste trabalho. A Faculdade Católica de Anápolis representada em toda equipe de coordenação e direção que com dedicação e empenho nos possibilitou concluirmos este curso.

Tarde Te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova... Tarde Te amei! Trinta anos estive longe de Deus. Mas, durante esse tempo, algo se movia dentro do meu coração... Eu era inquieto, alguém que buscava a felicidade, buscava algo que não achava... (SANTO AGOSTINHO, CONFISSÕES 10, 27).

RESUMO

O presente trabalho realizou uma abordagem sobre a questão da felicidade como busca existencial na vida de um dos maiores expoentes do pensamento ocidental, Santo Agostinho de Hipona, tendo como referência a sua obra *Confissões*. A partir, dessa, evidenciou-se o avançar gradual e progressivo do pensador destacando os elementos essenciais de sua historicidade particularmente o momento da sua conversão ponto mais alto do seu itinerário existencial de busca da verdade e da felicidade consequência das várias etapas por ele percorridas e superadas. Concluiu-se, portanto, que a felicidade é a principal busca existencial humana realidade inerente a sua própria natureza sem a qual a vida torna-se vazia de sentido. Constatou-se que a felicidade na concepção agostiniana é entendida como uma busca que o conduz aquele que a procura ao encontro de uma verdade absoluta: Deus.

Palavras-Chave: Historicidade. Busca. Existencial. Felicidade. Verdade. Deus

RESUMEN

El presente trabajo realizó un abordaje sobre la cuestión de la felicidad como búsqueda existencial en la vida de uno de los mayores exponentes del pensamiento occidental, San Agustín de Hipona, teniendo como referencia su obra *Confesiones*. A partir de ésta se evidencia el avance gradual y progresivo del pensador destacando los elementos esenciales de su historicidad particularmente el momento de su conversión punto más alto de su itinerario existencial de búsqueda de la verdad y de la felicidad consecuencia de las varias etapas por él recorridas y superadas. Se concluye, por lo tanto, que la felicidad es la principal búsqueda existencial humana realidad inherente a su propia naturaleza sin la cual la vida se vuelve vacía de sentido. Se constata que la felicidad en la concepción agustina es entendida como una búsqueda que lo conduce a aquel que la busca al encuentro de una verdad absoluta: Dios.

Palabra-Cháves: Historicidad. Búsqueda. Existencial. La felicidad. Verdad. Dios

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2. HISTORICIDADE DE SANTO AGOSTINHO: NASCIMENTO, INFÂNCIA, E JUVENTUDE.....	12
2.1 NASCIMENTO.....	12
2.2 DA INFÂNCIA AOS 18 ANOS E INÍCIO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA.....	13
2.3 A CONVERSÃO DE AGOSTINHO (19-32 ANOS).....	15
3.0 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DOS DADOS DIVISÓRIOS.....	20
3.1 INFÂNCIA E JUVENTUDE.....	21
3.1.1 NASCIMENTO.....	21
3.1.2 INÍCIO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA.....	21
3.1.3 EXPERIÊNCIAS QUE REVELAM SUA BUSCA DA FELICIDADE.....	22
2.1.4 AOS 19 ANOS DE IDADE, AGOSTINHO LERA <i>HORTENSIVS DE CÍCERO</i>	22
2.2 FASE ADULTA DA VIDA DE SANTO AGOSTINHO.....	22
2.2.1 COM O FALECIMENTO DO PAI (374), AGOSTINHO (20 ANOS).....	22
2.2.2 DURANTE O PERÍODO (375 – 383) (21 A 29 ANOS).....	22
2.3 EM 386, (32 ANOS).....	22
2.2.4 AGOSTINHO RESOLVE CONFESSAR SUAS ANGÚSTIAS AO SACERDOTE SIMPLICIANO, QUE EM 397 (43 ANOS) SUCEDERIA AMBRÓSIO NA SEDE DE MILÃO.....	23
2.3 VIDA ECLESIASTICA DE SANTO AGOSTINHO.....	23
2.3.1 NO OUTONO DE 388, (34 ANOS).....	23
2.3.2 EM 391, AO IR À IGREJA DE HIPONA.....	23
2.3.3 COMO BISPO COADJUNTOR, AGOSTINHO FOI CONSAGRADO NOS PRIMEIROS MESES DE 395. (40 ANOS).....	23
2.3.4 EM 416, (61 ANOS) CONTINUANDO A SUA VIDA A SERVIÇO DE DEUS...23	
2.3.5 NO DIA 28 DE AGOSTO DE 430, (75 ANOS) MORRIA AGOSTINHO.....	24
2.4 EXAMES DAS CATEGORIAS.....	25
2.4.1 ASSUNTO IMEDIATO.....	26
2.4.2 ASSUNTO ÚLTIMO.....	26
2.4.3 LUGAR.....	26

2.4.4 TEMPO.....	26
2.4.5 RELAÇÕES.....	27
2.4.6 CIRCUNSTÂNCIAS.....	27
3. ENRAIZAMENTOS.....	28
3.1 DO NASCIMENTO AOS 17 ANOS.....	28
3.2 DOS 17 ANOS ATÉ A CONVERSÃO A FÉ CATÓLICA.....	29
4.0 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E IDENTIFICAÇÃO DOS TÓPICOS	
EXISTENCIAIS DETERMINANTES.....	34
4.1 ANÁLISE DA ESTRUTURA DE PENSAMENTO DE SANTO AGOSTINHO.....	34
4.1.1 COMO O MUNDO APARECE.....	35
4.1.2 O QUE ACHA DE SI MESMO.....	35
4.1.3 PRÉ-JUÍZOS.....	35
4.1.4 EMOÇÕES.....	36
4.1.5 TERMOS AGENDADOS NO INTELECTO.....	36
4.1.6 ESTRUTURAÇÃO DE RACIOCÍNIO.....	36
4.1.7 BUSCA.....	37
4.1.8 PAIXÃO DOMINANTE.....	38
4.1.9 ESPACIALIDADE.....	39
4.1.10 AXIOLOGIA.....	39
4.1.11 SINGULARIDADE EXISTENCIAL.....	40
4.1.12 PRINCÍPIO DE VERDADE.....	41
4.2 ESTRUTURAÇÃO DE RACIOCÍNIO E EMOÇÕES.....	41
4.3 CONFLITO DE TÓPICOS.....	42
4.3.1 SENSORIAL E ABSTRATO.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	44

1 Introdução

O presente trabalho acadêmico teve como finalidade tratar da questão da felicidade como busca existencial, tendo como base o itinerário trilhado por Santo Agostinho na sua obra, *Confissões*, sendo, pois, uma obra de grande valor tanto no aspecto literário, teológico e filosófico. É justamente nessa obra que os fatos relacionados à sua historicidade se conhecem melhor, sobretudo, os que se referem à sua juventude. Não obstante, tendo em vista a amplitude de detalhes da sua historicidade, a pesquisa se debruçou nas fases mais relevantes da sua vida, desde seu nascimento ao término da sua existência, enfatizando, pois, aqueles momentos que mais evidenciaram o seu itinerário de busca da felicidade.

O Trabalho foi desenvolvido utilizando-se do método da pesquisa bibliográfica e abordagem filosófica clínica.

O trabalho foi organizado em quatro capítulos bem conexos entre si. No primeiro capítulo, no qual se tratou da historicidade de Santo Agostinho, partiu-se da infância, passando pela sua adolescência e juventude, com uma ênfase especial na sua conversão, ponto alto do seu itinerário existencial de busca da verdade e da felicidade. Na sua historicidade é possível contemplar o filósofo partilhando as suas memórias, os fatos marcantes vividos ao longo do seu itinerário existencial. Por exemplo: pessoas que lhe afetaram profundamente na construção da sua personalidade, seja pela pelo seu exemplo de vida, ou pela forma de educá-lo. É possível contemplar também, as suas perdas e conquistas e a sua longa jornada acadêmica em meio as suas descobertas filosóficas e teológicas, que lançaram luzes na sua busca incessante da verdade e da felicidade, seja no materialismo, maniqueísta, depois no naturalismo, ceticismo, até se encontrar com o catolicismo, no qual se deu a sua conversão que significou não só uma mudança de comportamento, mas também uma reviravolta em seu pensamento filosófico.

O segundo capítulo mostrou por meio dos dados divisórios os aspectos mais importantes e relevantes que se sobressaem na historicidade de Agostinho. Mostrou-se a riqueza de detalhes do partilhante dentro de uma ordem cronológica nas diversas etapas da sua vida, na qual é possível perceber o crescimento humano e espiritual do filósofo na medida que vai avançando na sua busca da verdade e da felicidade.

O terceiro capítulo que foi pautado nos enraizamentos da vida de Agostinho, percorreu-se sobre os aspectos mais exuberantes e emocionantes relatados pelo partilhante. Como por exemplo, o acontecimento da sua conversão aos trinta e dois anos de idade, que segundo o partilhante aconteceu quando certo dia angustiado e deprimido chorava nos jardins de sua residência, à procura de um sentido para a sua vida, ouve uma voz de criança a cantar: “Toma e lê”, “toma e lê”. Ao levantar os olhos, viu um livro sobre a mesa e abriu-o por acaso, e leu um trecho situado na carta de São Paulo ao Romano no capítulo 13,13 que dizia: “Não caminheis em glotonarias e embriaguez, não nos prazeres impuros do leito e em leviandades, não em emulações, mas revesti-vos de nosso Senhor Jesus Cristo, e não cuideis de carne com demasiados desejos”. Segundo o filósofo, esta passagem abriu-lhe o coração, desaparecendo, pois, todas as suas dúvidas e por fim encontrou de fato a felicidade.

No quarto e último capítulo o trabalho deu ênfase na fundamentação teórica e identificação dos tópicos existenciais determinantes da historicidade de Agostinho na sua busca existencial nos diversos acontecimentos de sua vida.

Por fim, esta obra tendo por base os elementos e metodologia da filosofia clínica, permitiu ao leitor perceber que toda a busca racional-existencial de felicidade em Agostinho tem seu cume no encontro pessoal com Deus, quando o filósofo na busca exterior de respostas volta-se sua atenção para o seu interior e o encontra no mais íntimo de si mesmo, e assim sua surdez foi vencida, e sua cegueira saboreou a presença de Deus, Suma e Eterna felicidade.

2. HISTORICIDADE DE SANTO AGOSTINHO

2.1 NASCIMENTO

Este capítulo tratou acerca da historicidade desde seu nascimento, infância, juventude até sua conversão. Dentre as principais obras de Agostinho, tem-se a obra “as Confissões”, sendo, pois, uma obra de grande valor tanto no aspecto literário, teológico e filosófico. É justamente nessa obra que os fatos relacionados à sua historicidade se conhecem melhor. A trajetória da vida de Santo Agostinho começa com a transição da idade antiga para a idade medieval.

Segundo Aurelius Augustinus, mais conhecido como santo Agostinho nasceu a 13 de novembro de 354, em Tagaste, província romana da Numídia, situada entre montanhas, cidade da atual Argélia, norte da África. Nessa cidade transcorreram sua infância e juventude. Agostinho num primeiro instante da sua existência foi profundamente marcado por certo contraste religioso. Agostinho era filho de Monica, uma mulher cristã devota de uma fé fervorosa e um amor incondicional a Deus. Em contrapartida seu pai Patrício era um homem pagão de costumes completamente opostos a sua esposa que se converteu no seu leito de morte. Portanto, foi neste ambiente díspare que Agostinho viveu os alvares da sua existência. (CONFISSÕES, P.9).

Quando se olha para vida de Agostinho é possível perceber que sua mãe o afetou profundamente por seu exemplo de cristã piedosa, filha obediente fiel esposa e mãe amorosa. Agostinho recorda que Mônica era uma mulher virtuosa tanto como filha, pelo amor e respeito que dispensava para seus pais, e como esposa, pela sua paciência, suavidade e capacidade de gerar a reconciliação e paz familiar. Assim recorda Agostinho:

Educada assim na modéstia e na temperança, mais sujeita a seus pais pela tua mão que por seus pais a ti, logo que chegou à idade núbil, foi dada em matrimônio a um homem, a quem serviu como ao senhor. Procurou conquistá-lo para ti, falando-lhe de ti com suas virtudes, com as quais tu a tornavas bela e reverentemente amável e admirável ante seus olhos. Suportou suas infidelidades conjugais com tanta paciência, que jamais teve com ele a menor briga por isso, pois esperava que tua misericórdia viria sobre ele, e que lhe trouxesse, com a fé, a castidade. Seu marido, se de um lado era sumamente afetuoso, por outro era extremamente colérico, mas ela tinha o cuidado de não contrariá-lo, nem com ações, nem com palavras, se o visse irado. Logo que o via calmo e sossegado, oportunamente, mostrava-lhe o que havia feito, se por acaso se

tivesse irritado desmedidamente. (CONFISSÕES, IX, CAP. 21. P.252).

De sua mãe Agostinho herdou um apaixonado desejo de conhecer verdade e a felicidade que uma vez conhecida abraçou com todo seu coração, pois Agostinho tornou-se um defensor intrépido do cristianismo frente à verdade conhecida. Viu em sua mãe uma mulher decidida, que mesmo frente às aparentes impossibilidades de mudanças de vida, pode contemplar a conversão de seu esposo e também a sua.

Assim era minha mãe, ensinada por ti, mestre interior, na escola de seu coração. Por fim, conquistou para ti o seu marido, já no fim da vida, não tendo que lamentar no cristão o que havia tolerado no infiel. (CONFISSÕES LIVRO IX, CAP. 20. P. 254). Disse-me minha mãe: “Filho, quanto a mim, já nada me atrai nesta vida. Não sei o que faço ainda aqui, nem por que ainda estou aqui, se já se desvaneceram pra mim todas as esperanças do mundo. Uma só coisa me fazia desejar viver um pouco mais, e era ver-te católico antes de morrer. Deus me concedeu esta graça superabundantemente, pois te vejo desprezar a felicidade terrena para servi-lo. Que faço, pois, aqui? ” (CONFISSÕES LIVRO IX, CAP. 22. P. 254).

2.2 DA INFÂNCIA AOS 18 ANOS E INÍCIO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA

No que se refere à infância, Agostinho de nada se recorda, apenas quando faz memória do passado imagina como deve ter sido, fundamentado no que observa de outras crianças e por ouvir o que se dizem dele quando criança. Frente a isso, ele chega a uma conclusão de que mesmo naquela época ele já era um grande pecador, ainda que não tenha lembranças de tais atos. Afirma que pecou, quando chorava desejando o seio de sua mãe. Desejo que afirmou ele se perder com o crescer dos anos, porque a debilidade dos membros infantis é inocente, mas não a alma das crianças.

Ignoro de onde vim para aqui, para esta não sei se posso chamar vida mortal ou morte vital? Não o sei. Mas receberam-me os consolos de tuas misericórdias, conforme o que ouvi de meus pais carnis, de quem e em quem me formaste no tempo, pois eu de mim nada recordo. Eu te confesso, Senhor dos céus e da terra, louvando-te por meus princípios e por minha infância, de que não tenho memória, mas que, por tua graça, o homem pode conjecturar de si pelos outros, crendo em muitas coisas quem me poderá lembrar o pecado da infância, já que ninguém está diante de ti limpo de pecado, nem mesmo a criança cuja vida conta um só dia sobre a terra? Quem mo recordará? Acaso alguma criança pequena de hoje,

em quem vejo a imagem do que não recordo de mim? E em que eu poderia pecar nesse tempo? (CONFISSÕES, LIVRO I, CAP.9.P.25).

É possível perceber na descrição citada acima, a representação da criança imersa no pecado. Pois, de acordo com o filósofo todo ser humano ao nascer, ainda que inocente não está desprovido de pecado.

Santo Agostinho iniciou seus estudos em Tagaste, porém, aos 12 anos de idade, foi estudar na 'Escola de Madaura', na Numídia (atual Argélia) sede importante de estudos e cultura, aproximadamente a vinte e quatro quilômetros de Tagaste sua terra natal, onde permaneceu por três anos onde teve contato com a literatura latina, com o estudo do grego, com práticas e crenças pagãs. Mesmo dotado de uma inteligência rara, muito rapidamente Agostinho foi seduzido pelos prazeres da vida, sexo, jogos e outros vícios. (CONFISSÕES, P.9).

Na idade de 17, Agostinho foi para Cartago, a maior cidade do Ocidente Latino depois de Roma de modo a prosseguir seus aprendizados em retórica. Em Cartago, em contraposição as realidades da moral e os bons costumes ele mergulhou no pecado. Do ponto de vista moral foi umas das fases mais conturbadas da sua vida. Foi nesse período que ele se entregou completamente a mundanidade, aos vícios e as paixões desordenadas. Assim ele narra:

Cheguei a Cartago, e por toda parte fervilhava a sertã de amores impuros. Ainda não amava, mas já gostava de amar; secretamente sedento, aborrecia a mim próprio por não me sentir mais indigente de amor. Gostando do amor buscava o que amar. Amar e ser amado era para mim a coisa mais doce, sobretudo se podia gozar do corpo da criatura amada. Deste modo manchava com torpe concupiscência a fonte da amizade, e obscurecia seu candor com os vapores infernais da luxúria. E apesar de tão torpe e impuro, desejava com afã e cheio de vaidade, passar por afável e cortês (CONFISSÕES, LIVRO III, CAP. 1 P. 65).

Vivendo, pois, no mundo lascivo e devasso ele não tardou em encontrar uma mulher que passou a viver por 14 anos com ele, vindo esta a lhe dar um filho, de nome Adeodatus. Agostinho nunca diz o nome de sua amante, mas assevera ter-lhe sido sempre fiel.

Por essa mesma época tive em minha companhia uma mulher, não reconhecida pelo chamado matrimônio legítimo, mas procurada pelo inquieto ardor de minha paixão imprudente; mas era só uma, e eu lhe era fiel. E assim experimentei pessoalmente a distância que há entre o amor conjugal contraído com o fim de

ter filhos, e o amor lascivo, no qual a prole também nasce, mas contra o desejo dos pais, embora, uma vez nascida, os obrigue a amá-la (CONFISSÕES, LIVRO IV, CAP.2. P.90).

2.3 A CONVERSÃO DE AGOSTINHO (19-32 ANOS)

No que se refere à conversão de santo Agostinho é possível afirmar que sua mudança de vida, significou não só uma mudança de comportamento, mas também uma reviravolta em seu pensamento filosófico. Num primeiro instante a sua conversão não foi de ordem moral, mas intelectual, ou seja, a busca da verdade, cuja luz revela o caminho para a felicidade.

Aos 19 anos, depois de percorrer vários caminhos e perceber que os prazeres e as paixões carnis não eram capazes de saciar a sua sede de felicidade. E foi justamente nessa busca que entrou em o contato com a leitura do livro a *Hortensius* de Cícero, composta em 45 a.c que o despertou para perceber o quão é fugaz, transitório e passageiro as vaidades, os bens, os prazeres carnis e as glórias humanas. Foi convencido de que tinha que procurar fervorosamente a verdade, pois, assim como Cícero via na filosofia a única via de acesso à felicidade, Agostinho percebeu que a filosofia de Cícero o incitava a buscar na sabedoria o único caminho para a felicidade, para verdade e para a imortalidade, ou seja, a perfeição.

Seguindo o programa usado no ensino desses estudos, cheguei a um livro de Cícero, cuja linguagem, mais do que seu conteúdo, quase todos admiram. Esse livro contém uma exortação à filosofia, e se chama Hortênsio. Esse livro mudou meus sentimentos, e transferiu para ti, Senhor, minhas súplicas, e fez com que mudassem meus votos e desejos. Subitamente, tornou-se vil a meus olhos toda vã esperança, e com incrível ardor de meu coração suspirava pela sabedoria imortal, e comecei a me reerguer para voltar a ti (CONFISSÕES, LIVRO III, CAP. 7. P 70).

A crítica do texto contra as coisas efêmeras causou-lhe uma profunda comoção, incentivando-o a buscar a verdade. A princípio, Agostinho tentou buscar a verdade na Igreja Católica. Mas o texto bíblico lhe pareceu rude demais e, somado ao seu preconceito contra o cristianismo, ele não encontrou quem o orientasse teologicamente nesse estudo. “Decidi dedicar-me ao estudo da Sagrada Escritura, para conhecê-la. Contudo, ao fixar nela a atenção, não pensei o que agora estou

dizendo, mas simplesmente me pareceu indigna de ser comparada com a majestade dos escritos de Cícero”. (CONFISSÕES, LIVRO III, CAP.9. P.71).

Por falta de orientação e por achar as Sagradas Escrituras insuficiente, acabou começou a frequentar o maniqueísmo, que era uma filosofia materialista-dualista que afirmava a existência de dois princípios antagônicos: o princípio eterno do bem e o princípio eterno do mal, porém, acabou se revelando insuficiente para ele. “Diziam: ‘Verdade!’ ‘Verdade!’ – E, incessantemente, falavam-me da verdade, que nunca existiu neles; antes, diziam muitas falsidades” (CONFISSÕES, LIVRO III, CAP. 10 P.72).

Nesse período de profunda busca religiosa e filosófica, Agostinho enfrentou uma profunda perda pessoal, ou seja, a morte de um amigo íntimo, do qual passou grande parte de sua vida, seja nas brincadeiras de crianças nos estudos ou nos momentos partilha de vida.

Que dor fez anoitecer o meu coração! Tudo o que via era morte para mim. Tudo o que o lembrava transformava-se para mim em cruelíssimo martírio. Buscavam-no por toda parte meus olhos, e o mundo não mo devolvia. Cheguei a odiar todas as coisas, porque nada o continha, e ninguém mais me podia dizer como antes, quando chegava depois de alguma ausência: “Ali vem ele”. Transformara-me mesmo num grande problema (CONFISSÕES, IV.CAP.9. P. 95).

Em 384, aos 32 anos, vendo que sua realização profissional não era possível em Cartago, ele deixou essa cidade e foi para Roma em busca de melhores condições de vida, no desejo de conquistar seus ideais. Neste período ele já praticamente decepcionado com o materialismo maniqueísta frente às imperfeições e incapacidade de responder as suas indagações e seu anseio de felicidade. As dúvidas em relação à doutrina dos maniqueus se acentuaram: sua cosmologia era incompatível com aquilo que aprendera na filosofia, pois, afirmavam a existência de duas forças coeternas criadoras do mundo o bem e o mal. (CONFISSÕES, LIVRO 5, CAP. 14. P. 128).

Ao chegar a Roma começou a ensinar retórica. Depois de apenas um ano em Roma, se deparou com a desonestidade dos alunos que não pagavam suas aulas, assim o valor arrecadado não supria suas necessidades. Desanimado com tal situação mudou-se para Milão, onde assumiu um cargo de professor. Nesse período também estudou os acadêmicos e acabou caindo no ceticismo. Nesse percurso intelectual por respostas sobre a verdade, Agostinho descobriu a filosofia neoplatônica,

que lhe revelou a existência de um princípio espiritual, pelo qual descobriu a necessidade de uma vida interior e de uma luz natural da razão para encontrar Deus. Pode-se dizer que o Neoplatonismo de Plotino (205-270) foi de suma importância para Agostinho, pois permitiu que ele desse um grande passo na sua vida, pois era uma doutrina capaz de auxiliar a fé cristã a defender-se com argumentos meramente racionais. Assim narra Agostinho:

Estimulado por estas leituras a voltar a mim mesmo, entrei, guiado por ti, no profundo de meu coração, e o pude fazer porque te fizeste minha ajuda. Entrei, e vi com os olhos da alma, acima desses mesmos olhos, acima de minha inteligência, a luz imutável; não esta vulgar e visível a todos os olhos de carne, nem outra do mesmo gênero, embora maior. Era muito mais clara e enchendo com sua força todo o espaço. Não, não era esta luz, mas uma luz diferente de todas estas. (CONFISSÕES VII. CAP. 16. P.190).

Observou-se que Agostinho na sua busca da verdade e da felicidade foi guiado pela luz da razão, mesmo antes da sua conversão, quando ainda era um neoplatônico.

Em Milão, portanto, Agostinho enquanto exercia seu trabalho junto ao império, ouviu falar de Ambrósio, bispo de Milão que era versado na arte da retórica. Assim, no desejo de encontrar a felicidade, Agostinho começou a ouvir os sermões de Ambrósio na catedral de Milão. Primeiro o ouvia pela arte de falar que lhe deixava impressionado pela eloquência com que discursava e depois pela verdade contida nos seus sermões. Agostinho conta no seu livro quinto das confissões como foi à acolhida que recebeu de Santo Ambrósio.

Chegado a Milão, visitei o bispo Ambrosio, famoso na terra por suas qualidades, piedoso servo teu, cuja eloquência distribuía zelosamente entre teu povo a flor de teu trigo, a alegria do azeite e a sóbria embriaguez de teu vinho. A ele era eu conduzido por ti sem o saber, a fim de que ele me conduzisse a ti conscientemente. Esse homem de Deus recebeu-me paternalmente, e se interessou muito por minha viagem, como bispo. Comecei a amá-lo; a princípio, não como mestre da verdade, que eu desesperava de achar em tua Igreja, mas pela sua amabilidade para comigo. Ouvia-o atentamente quando pregava ao povo, não com espírito adequado, mas como se quisesse sondar sua eloquência, para ver se correspondia à sua fama, ou se era maior ou menor que a que se dizia. (CONFISSÕES, 5. CAP.23. P. 137).

Mesmo depois de abraçar a fé cristã. Nos primeiros anos, Agostinho Viveu uma luta intensa entre a sua razão e a sua vontade. Ele já conhecia a verdade, mas não tinha forças para largar totalmente o pecado, e os prazeres da carne o consumiam. Agostinho queria dar o passo definitivo da sua conversão sem, no entanto, abandonar os velhos prazeres. Desse modo, ele adiava a sua entrega a Deus o quanto podia. Depois de tanta luta, Agostinho foi a um jardim chorar, quando de repente ouviu a voz de uma criança que disse: toma e lê, obediente, abriu as Sagradas Escrituras e leu a Carta de São Paulo aos Romanos, no capítulo 13, 13-14. Assim ele narra:

Assim falava, e chorava oprimido pela mais amarga dor do meu coração. Mas eis que, de repente, ouço da casa vizinha uma voz, de menino ou menina, não sei, que cantava e repetia muitas vezes: “Toma e lê, toma e lê”. E logo, mudando de semblante, comecei a buscar, com toda a atenção em minhas lembranças se porventura esta cantiga fazia parte de um jogo que as crianças costumassem cantarolar; mas não me lembrava de tê-la ouvido antes. Reprimindo o ímpeto das lágrimas, levantei-me. Uma só interpretação me ocorreu: a vontade divina mandava-me abrir o livro e ler o primeiro capítulo que encontrasse. Tinha ouvido dizer que Antão, assistindo por acaso a uma leitura do Evangelho, tomara para si esta advertência: “Vai, vende tudo o que tens, dá-lo aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-me” – e que esse oráculo decidira imediatamente sua conversão. Depressa voltei para o lugar onde Alípio estava sentado, e onde eu deixara o livro do Apóstolo ao me levantar. Peguei-o, abri-o, e li em silêncio o primeiro capítulo que me caiu sob os olhos: “Não caminheis em glotonarias e embriaguez, não nos prazeres impuros do leito e em leviandades, não em contendas e rixas; mas revesti-vos de nosso Senhor Jesus Cristo, e não cuideis de satisfazer os desejos da carne”. (CONFISSÕES, VIII,CAP. 12. P.230).

A partir desse momento, Agostinho pôde perceber de forma mais clara e que a via para alcançar a felicidade é oposta a que ele até então vinha trilhando não na satisfação dos prazeres, na fruição dos prazeres ou nos vícios da filosofia. Com a ajuda de Ambrosio vai descobrindo que a resposta para tantos questionamentos e o sentido da sua existência e da história do ser humano está no centro da revelação cristã, no encontro pessoal com um Deus que vem percorrer o caminho dos homens.

Verificou-se, pois, que o Itinerário que Agostinho trilhou dos 19-32 anos foi de uma busca incessante, na procura da verdade e da felicidade, Agostinho percorreu um longo caminho encontrou com a verdade, primeiro no materialismo, maniqueísta, depois no naturalismo, ceticismo, até se encontrar com o catolicismo.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DOS DADOS DIVISÓRIOS

Na Filosofia Clínica após o partilhante¹ ter narrado até aos dias atuais a sua história (historicidade) ao filósofo Clínico esse focará sua atenção para os saltos temporais cometidos por ele.

A Filosofia Clínica, por se tratar de clínica, parte da historicidade do indivíduo. A historicidade não é a história de vida da pessoa, mas como ela vive essa história, é a interpretação que ela faz de sua própria trajetória. Para se entender um livro é necessário lê-lo e, em grosso modo, para compreender o partilhante é necessário ler/escutar o livro da vida escrito e contado por ele. Entender como ele vê, observa e compreende a realidade. É necessário entender a sua vivência, sua percepção diante as coisas.

Quando a pessoa conclui a narração de sua história, inicia-se um procedimento denominado Dados Divisórios. Trata-se de um processo de divisão: dividimos a história — respeitando as divisões que a pessoa já fez ao contá-la. O filósofo fará a divisão dos dados da historicidade do partilhante. Segundo Packter, os Dados divisórios servem para maior entendimento das questões esparsas, quebradas do contexto, espalhadas e fragmentadas sem um canto de pouso e de referência. Eles dão consistência às informações anteriores, dirimem dúvidas, explicam minúcias das experiências vividas.

Após ouvir a história do partilhante, o Clínico deve realizar o discernimento se será necessário colher mais informações através dos dados divisórios para melhor compreender e atender o partilhante.

No procedimento Clínico de dados divisórios é imprescindível que o filósofo utilize os mesmos termos usados pelo partilhante para se orientar temporalmente em sua história.

É relevante saber antes de se realizar a divisão dos dados como o partilhante se estrutura: por datas ou idade, eventos, dados cognitivos, etc. E é necessário respeitar a forma como a pessoa se estrutura.

Os Dados divisórios são importantíssimos para o trabalho Clínico, pois quando bem realizados dão ao Clínico segurança para o desenvolvimento das etapas seguintes.

¹ Em Filosofia Clínica não denominamos de “paciente” a pessoa que está sendo atendida, mas partilhante.

Os dados divisórios foram feitos a partir da historicidade descrita nesse trabalho acadêmico bem como em outras fontes de pesquisa da vida de Santo Agostinho para se obter um panorama geral das etapas da sua vida.

Procurou-se através dos dados divisórios da historicidade de Santo Agostinho encontrar elementos que revelam sua estrutura de Pensamento e, sobretudo, observou-se aspectos da sua profunda busca existencial pela felicidade.

Diante da vasta obra do Autor que se está estudando, pesquisando e “clenicando” elegeu-se alguns itens da sua historicidade para ser descrita, refletida e investigada sob o prisma clinico-filosófico.

3.1 INFÂNCIA E JUVENTUDE

3.1.1 Nascimento

Segundo a obra Confissões, Aurélio Agostinho nasceu no dia 13 de novembro de 354 d.c em Tagaste, província Romana da Númidia (atual Argélia). Filho de Mônica, mulher firme na fé cristã. O pai pagão chamava-se Patrício, que se convertera ao catolicismo, pouco antes de morrer. Portanto, a infância de Agostinho foi marcada pela fé da mãe, mas também pela indiferença religiosa do pai. O ambiente que Agostinho vivia era marcado por realidades distintas ou até mesmo opostas.

3.1.2 Início da Formação Acadêmica

De acordo com a autobiografia de Agostinho, em 371, aos 17 anos graças à ajuda de Romaniano, amigo de seu pai, fora enviado para Catargo onde recebeu educação liberal. A Educação Liberal consistia inicialmente no *Trivium* e *Quadrivium*², que buscava fornecer os meios de compreensão de si, da sociedade, do mundo e de Deus, bem como os meios de expressão, participação na cultura e o senso de proporções, de apreciação e encantamento das formas universais do mundo. Em síntese, era uma educação para a formação do caráter e do gosto, ética e estética, sendo a fonte desta educação os grandes poetas.

² Trivium: consistia no ensino da gramática, retórica e dialética; já o Quadrivium era o ensino de aritmética, geometria, música e astronomia.

3.1.3 Experiências que Revelam a Sua Busca da Felicidade

Em Cartago, deixou-se conduzir por uma vida desregrada e mundana na busca de prazeres e bens materiais.

3.1.4 Aos 19 anos de idade, Agostinho Lera *Hortensius de Cícero*. Essa leitura despertou-lhe maior desejo pelo conhecimento da verdade, da busca da felicidade e o desejo de alcançar a sabedoria em si mesma. Nesse período Agostinho adere ao Maniqueísmo.

3.2 FASE ADULTA DA VIDA DE SANTO AGOSTINHO

Com o Falecimento do Pai (374), Agostinho (20 anos) volta a Tagaste e abre uma escola de retórica e gramática. Por causa da sua personalidade sedutora leva muitos de seus amigos a aderir à sua causa.

Durante o Período (375 – 383) (21 a 29 anos) as dúvidas em relação à doutrina dos maniqueus se acentuaram: sua cosmologia era incompatível com aquilo que aprendera na filosofia, pois, afirmavam a existência de duas forças coeternas criadoras do mundo o bem e o mal;

Em 386, (32 anos) Agostinho já tinha abandonado o maniqueísmo e frequenta a academia platônica, na qual, no entanto, não encontrou respostas suficientes para suas dúvidas. Agostinho conhece o neoplatonismo e isso permite ele mudar radicalmente sua vida, pois seus questionamentos existenciais e intelectuais o levaram à conversão ao Cristianismo.

Ainda aos 32 anos quando chorava nos jardins de sua residência, pois, ainda estava deprimido e à procura de um sentido para a sua vida, ouve uma voz a cantar: Toma e lê. Ao levantar os olhos, viu um livro, e leu: “Não caminheis em glotonarias e embriaguez, não nos prazeres impuros do leito e em leviandades, não em emulações, mas revesti-vos de nosso Senhor Jesus Cristo, e não cuideis de carne com demasiados desejos” (Rm 13,13). Esta passagem abre-lhe o coração e desaparecem todas as suas dúvidas: “Mal terminara a leitura dessa frase, dissiparam-se em mim as trevas da dúvida, como se penetrasse no meu coração uma luz de certeza.” (AGOSTINHO, 2008 a, p.227)

Em setembro de 386 Agostinho foi para a chácara de seu amigo Verecundo em Cassiciaco a 30 km de Milão onde formou um grupo para dedicar-se aos estudos, à oração e ao diálogo, e assim preparar-se para o batismo.

Após, ter terminado o inverno, Agostinho regressa a Milão e se inscreve como catecúmeno. Pouco depois, fez-se batizar no sábado santo de 387, juntamente com o seu filho Adeodato e seu amigo Alípio.

Agostinho resolve confessar suas angústias ao sacerdote Simpliciano, que em 397 (43 anos) sucederia Ambrósio na sede de Milão. Em Milão, Agostinho começa a frequentar os sermões de Ambrósio com interesse puramente literário, o qual apresenta-lhe as Escrituras de um modo novo.

3.3 VIDA ECLESIAÍSTICA DE SANTO AGOSTINHO

No outono de 388, (34 anos) após a morte de sua mãe, Agostinho retorna à África, vende todos os seus bens e funda uma comunidade monástica.

Em 391, ao ir à Igreja de Hipona (atualmente Annaba), a basílica da Paz, o bispo Valério propôs a escolha de um coadjutor para as funções sacerdotais. Imediatamente o povo gritou: "Agostinho, presbítero!". Então, aos 36 anos foi ordenado presbítero.

Como bispo coadjutor, Agostinho foi consagrado nos primeiros meses de 395. (40 anos) Em, 396 morre o bispo Valério e o sucede Agostinho na sede de Hipona. Consagrado bispo, aos 41 anos de idade, Agostinho desenvolve atividade muito intensa junto aos fiéis.

Em 416, (61 anos) continuando a sua vida a serviço de Deus, assiste a um concílio convocado contra os pelagianos. Estes anos são fecundo o que leva Agostinho a continuar escrevendo livros, todos frutos das discussões da época e nos quais ele procura, cada vez mais, esclarecer e defender a fé católica.

No dia 28 de Agosto de 430, (75 anos) morria Agostinho, deixando uma síntese filosófica que dominaria o pensamento ocidental por muitos séculos.

Partindo de sua autobiografia na Obra *Confissões* no livro X observou-se que para Agostinho a busca da felicidade culmina no encontro com Deus que segundo ele é a fonte da beatitude e suprema verdade. Era essa a sua grande busca e enquanto ele não achou não desistiu de procurar.

Os dados divisórios de Santo Agostinho vão revelando que desde sua infância ele tinha um sentido de busca bastante aguçado. Ele buscou nos estudos, em diversas experiências humanas a sua realização enquanto ser Humano, mas foi na experiência de fé que o seu coração encontrou o que ele sempre tinha buscado: a felicidade.

Verificou-se que os dados divisórios feitos a partir da Autobiografia de Santo Agostinho se desenvolveram, sobretudo, através de idade e eventos. Notou-se a riqueza de detalhes na historicidade do partilhante que contribuiu para um ótimo desenvolvimento do trabalho científico e da Clínica Filosófica.

Os dados divisórios foram apresentados de forma cronológica mostrando as diversas etapas da sua vida, e percebe-se o crescimento humano e espiritual de Santo Agostinho na medida da sua busca pela verdade e pela felicidade. Ele foi saindo de um estado de trevas e foi alcançando a luz do conhecimento, da fé, da espiritualidade.

A descoberta que satisfaz o espírito filosófico centra-se na verdade. A busca milenar e laboriosa revela curvas virgens a cada nova descoberta. É um corpo histórico, imensurável e glorioso. Daí percebe-se que escrever sobre a verdade é tarefa árdua. Durante a história da Filosofia, os pensadores chegaram a concepções diversificadas sobre o alcance da mente humana, o método e a possibilidade de chegar a um conhecimento satisfatório, mesmo porque a ideia de conhecimento enquanto relação entre um sujeito e um objeto é relativo ao sujeito e ao objeto.

O procedimento clínico dos dados divisórios é realizado até não ter mais elementos novos apresentados pelo partilhante, pois enquanto esse tiver dados devem ser apresentados ao terapeuta para um melhor desenvolvimento da Clínica.

Após a realização dessa etapa na Clínica o terapeuta partirá para a realização dos enraizamentos considerando o que o partilhante trouxe na Historicidade e a partir do que se considera pertinente de se aprofundar levando em conta também os dados divisórios.

3.4 EXAMES DAS CATEGORIAS

Em Filosofia Clínica o objetivo dos exames das categorias é a localização da pessoa no mundo dela. De acordo com a definição do professor Lúcio Packter: Damos o nome de Exames Categóricos à localização existencial da pessoa: idioma, costumes, país, época, relações próximas, pertencências políticas, sociais e religiosas.

Os Exames Categóricos são exames iniciais que consistem em conhecer o universo no qual o partilhante está inserido: seu contexto social, político, econômico, cultural, educacional, familiar, suas relações, como lida com o tempo, com o próprio corpo, com o ambiente, com suas ideias, onde mora, em que trabalha, o que estuda, o que viveu, etc.

Os Exames Categóricos surgem durante a historicidade feita pelo partilhante e vai necessitar de atualizações frequentes enquanto durar os atendimentos clínicos.

Com a aplicação das 05 categorias poderá se ter uma noção do que está se passando com a pessoa em um dado momento ou situação da vida dela. Um bom entendimento das categorias pode nos auxiliar a compreender com maior propriedade um fato ou acontecimento de nossa vida. 1ª categoria: Assunto, que é dividido em imediato e último. Assunto imediato se refere à queixa, ao que a pessoa quer resolver na vida dela. Em consultório, é a problemática expressa pela pessoa e que a trouxe a fazer a terapia. Já o assunto último se refere ao problema real que está provocando a problemática. É a causa objetiva do problema, o 'X' da questão, a raiz, a origem verdadeira do sintoma vivenciado pela pessoa. Na maioria das vezes o problema a ser trabalhado não é aquele inicialmente trazido pela pessoa, mas sim algo que está oculto na malha intelectual dela. 2ª categoria: Circunstância Abarca todas as especificidades, as particularidades de uma situação. É tudo o que envolve um determinado acontecimento. Se ocorreu um acidente de trânsito, por exemplo, se estava chovendo ou não; se o motorista estava bêbado; se o carro era velho ou novo; se estava sem freios; se era um carro grande ou pequeno; se estava com excesso de peso; se a sinalização era ineficiente; se houve excesso de velocidade; se a pista era escorregadia; se era dia ou noite; se foi no centro ou numa rodovia; se era um cruzamento ou uma curva da estrada; se o motorista era jovem ou idoso; se estava ferido, se morreu... e muitos outros 'se', sem perder de vista a categoria assunto. 3ª categoria: Lugar: Como a pessoa se sente e o que ela pensa sobre o ambiente em que ela está inserida, sobre os endereços existenciais que a acompanham. Se a pessoa está com um problema no trabalho, por exemplo, pesquisar como ela está se sentindo no que diz respeito a esse problema. 4ª categoria: Tempo: Como a pessoa lida subjetivamente com o tempo convencional pelo relógio. Qual a relação da pessoa com a temporalidade. Aqui se pesquisa se ela se reporta mais ao passado,

se vive o presente ou se se projeta em direção para o futuro.5ª categoria: Relação. Vai tratar da qualidade das interseções que a pessoa estabelece. Quais as interseções, como se dão elas, o que proporcionam, qual o peso e tudo o que diz respeito ao que está em interseção com a pessoa.(AUGUSTO, 2007)

3.4.1 Tabela dos exames categoriais da vida de Santo Agostinho

Assunto Imediato	Notou-se a partir da análise da historicidade que o assunto imediato que poderia levar Santo Agostinho para a Clínica filosófica seria seus contrastes e conflitos existenciais.
Assunto Último	Ajudar o partilhante a perceber que os conflitos se bem trabalhados nos levam para novos horizontes. Buscar o equilíbrio entre as diversas realidades contrastantes nos levam para a paz e assim alcançamos a felicidade.
Lugar	Agostinho é bastante influenciado pelo ambiente familiar. Recebe uma influencia positiva da mãe, Santa Mônica, que era uma mulher muito virtuosa, todavia, recebe também uma influencia negativa de seu pai que era um homem marcado por muitos vícios mundanos.
Tempo	Na autobiografia de Santo Agostinho : <i>Confissões</i> predomina o tempo verbal no passado, pois ele faz toda uma análise narrativa do seu passado colocando-o sob a Divina Misericórdia.
Relações	Percebeu-se muitas relações na historicidade de Santo Agostinho: com

	<p>os pais, o filho, os amigos, os alunos, o Bispo Santo Ambrósio que exerceu uma forte influencia para sua conversão ao Cristianismo.</p>
Circunstâncias	<p>Agostinho sempre se mostrou havido em saber, buscar, especular. Foi bastante afetado pelos contrastes religiosos e acadêmicos da sua época. Todavia, a sua sede de encontrar a felicidade não o permitia descansar até encontrar o que ele sempre buscou. Por isso, ele passa por várias correntes de pensamentos até chegar onde seu coração encontrou o verdadeiro repouso.</p>

4. ENRAIZAMENTOS

4.1 DO NASCIMENTO AOS 17 ANOS

Os Enraizamentos são caminhos epistemológicos que levarão a descrições verticais, não mais horizontais, como nas Divisões. (PACKTER, Caderno Jp.12 e 13).

Esse capítulo tem por finalidade precisar e na medida do possível aprofundar alguns dados da historicidade de Santo Agostinho que possam ser considerados dados relevantes ao tópico enraizamentos levando em conta as descrições obtidas da vida Santo Agostinho.

É importante salientar que não se está diretamente trabalhando com o partilhante e sim com uma obra do mesmo o que permite chegar a uma aproximação da sua vida, historicidade. Todavia, na sua Autobiografia encontrou-se elementos preciosos para fazermos uma excelente Clínica Filosófica.

Santo Agostinho nascido em Tagaste, cidade atual da Numidia aos 13 de novembro de 354 teve aí a sua infância e juventude em um lar influenciado pela fé da mãe e o paganismo do pai. De um lado sua mãe santa Mônica mulher devota e de uma fé fervorosa e incondicional a Deus de outro lado o seu pai Patrício pagão e de costumes opostos ao da esposa, esse somente no final da vida graças ao empenho testemunho da esposa se rendeu a fé católica.

A vida de Agostinho é profundamente marcada e dominada por essa influência contextualmente familiar que o coloca entre a fé e o paganismo o que o conduz inicialmente a uma fé incerta e a uma prática pagã no que se refere a parte dos seus costumes e atitudes. A morte do seu pai fora um momento decisivo tanto para sua vida de fé como para o seu crescimento no sentido da própria existência.

Não se pode também deixar de relatar o que fora de grande relevo na vida de Agostinho para que iniciasse a partir da morte do seu pai um passo mais profundo na busca pelo sentido da vida a partir da própria existência. Deve-se ao convívio com a mãe que o afetou profundamente por meio da sua fé, consciente, audaz e

destemida mesmo em meio as maiores adversidades provindas da convivência com o marido pagão não se deixou abater ou conduzir por elas, mas com testemunho intrépido o conduziu para fé mesmo que isso tenha se dado em leito de morte.

A partir da convivência com a mãe Agostinho teve o necessário para iniciar um processo lento em meio as experiências que a vida lhe possibilitara mas começou a se conduzir por um desejo de conhecer a *verdade e a felicidade*.

De sua infância o santo afirma nada recordar e que apenas quando faz memória do passado observa como deveria ter sido e se coloca em conta de grande pecador.

Aos 12 anos de idade Agostinho deixa a casa paterna e sua cidade para dar início aos estudos, na escola de Madaura em Tagaste, território da Numidia atual Argélia, considerada o centro cultural e dos estudos. Durante o tempo de permanência, isto é, até os 16 anos de idade Agostinho teve contato com a literatura latina, com o estudo do grego, com prática em crenças pagãs, com os prazeres da vida, o sexo o jogo e outros vícios.

4.2 DOS 17 ANOS ATÉ A CONVERSÃO A FÉ CATÓLICA

Conforme Confissões, Santo Agostinho Conduzido pelo desejo de prosseguir os seus estudos em retórica aos 17 anos Agostinho graças à ajuda de Romaniano, amigo de seu pai, fora enviado para Cartago onde recebeu educação liberal.

Em Cartago, deixou-se conduzir por uma vida desregrada e mundana na busca de prazeres e de bens materiais. Teve, aí, uma ligação amorosa, porém, devido aos padrões da época, não pode se casar, pois, pertencia à categoria social dos *honestiores* considerados superiores, então, não podia se casar com uma pessoa de condição socialmente inferior. Esta união, no entanto, originou um filho, ao qual dera o nome de Adeodato (372 -390 d.C).

Aos 19 anos de idade, Agostinho lera *Hortensius de Cícero* (obra atualmente, desaparecida), que continha elogio à filosofia. A leitura despertou-lhe maior desejo pelo conhecimento da verdade, e a busca da sabedoria em si mesma. Essa descoberta lhe rendeu o primeiro passo no caminho que deveria conduzi-lo a Deus.

Impelido pelo desejo da sabedoria, buscou-a nas Sagradas Escrituras; porém, naquele momento, elas não corresponderam ao ideal despertado pela filosofia de Cícero:

O que senti nessa época, diante das Escrituras, foi bem diferente do que agora afirmo. Tive a impressão de uma obra indigna se comparada à majestade de Cícero. Meu orgulho não podia suportar aquela simplicidade de estilo. Por outro lado, a agudeza de minha inteligência não conseguia penetrar-lhe o íntimo. Tal obra foi feita para acompanhar os pequenos, mas eu desdenhava fazer-me pequeno, e no meu orgulho, sentia-me grande. (AGOSTINHO, 2008 a, p. 68).

Com base na obra confissões, Agostinho aderiu ao maniqueísmo³, que no momento parecia-lhe uma religião fundada na razão e livre de toda autoridade, e nela diziam conter a verdadeira interpretação do cristianismo.

Com o falecimento do pai (374), Agostinho volta a Tagaste e abre uma escola de retórica e gramática. Nesse período ele é maniqueísta e sua personalidade sedutora leva muitos de seus amigos a aderir à sua causa. Mas, logo depois transfere-se para Cartago onde abre outra escola de retórica com ajuda de Romoniano. Permanece oito anos em Cartago, contudo está insatisfeito, pois, segundo ele, os alunos eram desinteressados e indisciplinados.

Durante o período (375-383 d.C) as dúvidas em relação à doutrina dos maniqueus se acentuaram: sua cosmologia era incompatível com aquilo que aprendera na filosofia pagã, pois, afirmavam a existência de duas forças coeternas criadoras do mundo o bem e o mal; seu dualismo se revela cada vez mais absurdo e seu conceito de Deus como ser corpóreo o deserta incertezas, conforme o próprio Agostinho relata nas confissões que ao lançar-se na teoria das duas substâncias não encontrava paz, pois usava somente a linguagem alheia.

³ Seita gnóstica cristã que ensinava a existência de dois princípios eternos: o bem e o mal, isto é, Deus e a matéria em luta perene entre si. Complicada e fantasiosa é a cosmologia maniqueísta, da qual resulta a completa deformação do dogma da Santíssima Trindade: O Pai é Deus, mas o Filho e o Espírito são criaturas enviadas por Ele para realizar no homem a separação entre luz e trevas, isto é, a libertação do mal. O mal é apenas privação do bem. (AGOSTINHO, 2008 a, p.68).

Em 383, muda-se para Roma e continua a freqüentar os ambientes maniqueus, embora, neste momento, por contínuas decepções, tendesse mais ao ceticismo.

Em Roma, os alunos eram mais calmos, porém maus pagadores. Também o desiludiram, pois, quando chegava a hora do pagamento mudavam de professor. Por esse motivo, ficou pouco tempo em Roma, e logo depois, partiu para Milão a fim de ocupar o cargo de professor de retórica.

O cargo estava vago e para ocupá-lo Agostinho realizou uma prova, espécie de concurso, a qual consistia no desenvolvimento de um tema diante do prefeito Anneo Símaco. Nesse período (386), já tinha abandonado o maniqueísmo e frequenta a academia platônica, na qual, no entanto, não encontrou respostas suficientes para suas dúvidas. Logo depois, o neoplatônico Mânulo Teodoro faz chegar a Agostinho a versão latina das obras de Plotino, o que lhe fez compreender Deus como ser espiritual e o mal não como um antideus, mas como ausência de bem. O presbítero Simpliciano mostrou-lhe a compatibilidade do *Nous* plotiniano com a doutrina do *Logos*, desenvolvida em João Batista e nos padres gregos. Da mesma forma, a leitura das epístolas paulinas fizeram-no compreender que somente por meio da graça o homem pode alcançar a união com Deus e não por meio de esforço intelectual, como em Plotino. Isso não significa que a razão não seja importante para o filósofo, mas que ela, segundo ele, deve ser iluminada pela fé que a eleva e ajuda acolher a graça de Deus.

O conhecimento do neoplatonismo permite a Agostinho mudar radicalmente sua vida, pois, os questionamentos levaram-no à conversão ao cristianismo. Entretanto, para que chegasse à conversão, além de livros platônicos, leu, também, as cartas de São Paulo. Seu espírito comovido, abre-se a novos horizontes. As leituras diversificadas, juntamente com os sermões de Santo Ambrósio, ajudaram no a compreender o conceito de substância espiritual, de um Deus uno e criador de todas as coisas, e fizeram com que Agostinho entendesse o sentido mais profundo das Sagradas Escrituras.

Então, resolve confessar suas angústias ao sacerdote Simpliciano, que em 397 sucederia Ambrósio na sede de Milão. Agostinho conta que leu os livros platônicos e as obras de Mário Victorino. Este era Africano como Agostinho, e sua fama foi tão reconhecida que mereceu uma estátua no fórum Romano. Embora famoso e

reconhecido por todos, renunciou a sua cátedra e fez-se batizar. Não contente com isto queria até fazer confissão pública de sua conversão e batismo, mas o bispo dispensou Victoriano deste rito. Agostinho, então, ficou muito sensibilizado com esta história contada pelo sacerdote.

Em Milão, Agostinho começa a frequentar os sermões de Ambrósio, bispo da cidade, com interesse puramente literário, o qual apresenta-lhe as Escrituras de um modo puramente novo. No entanto, uma das grandes resistências de Agostinho ao cristianismo, era a sua incompreensão do Antigo Testamento.

As leituras do Antigo testamento perturbava os maniqueus. Por isso, também a Agostinho, sequaz deles. Sabemos hoje que a Bíblia é uma coletânea de textos que contam os fatos sucedidos a um povo, do qual exprime, sobretudo os mais diversos e espontâneos sentimentos. Portanto, é obvio que nem tudo aí é apresentado como exemplo. O fundamental é encontrar a mensagem de salvação transmitida pela Bíblia, através do texto visto no contexto. (AGOSTINHO, 2008 a, p.73).

A exegese alegórica produzida por Ambrósio permitiu a Agostinho superar os preconceitos que os maniqueístas lhe impuseram. A partir daí, Agostinho, compreende que Deus não é corpóreo, como pregavam os maniqueus, mas puro espírito.

Aos trinta e dois anos de idade, certo dia, quando chorava nos jardins de sua residência, pois, ainda estava deprimido e à procura de um sentido para a sua vida, ouve uma voz de criança a cantar: “Toma e lê”, “toma e lê” (Tolle Lege, tolle lege). Ao levantar os olhos, viu um livro sobre a mesa e abriu-o por acaso, e leu: “Não caminheis em glotonarias e embriaguez, não nos prazeres impuros do leito e em leviandades, não em emulações, mas revesti-vos de nosso Senhor Jesus Cristo, e não cuideis de carne com demasiados desejos” (Rm 13,13).

Esta passagem abre-lhe o coração e desaparece todas as suas dúvidas: “Mal terminara a leitura dessa frase, dissiparam-se em mim todas as trevas da dúvida, como se penetrasse no meu coração uma luz de certeza. ” (AGOSTINHO, 2008 a, p.227).

Depois da conversão, Agostinho, ainda lecionou por mais duas semanas até aproximarem as férias. Mas, terminando o curso, renunciou à cátedra, e também ao matrimônio, para dedicar-se plenamente a Deus.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E IDENTIFICAÇÃO DOS TÓPICOS EXISTENCIAIS DETERMINANTES

Nesse capítulo procurou-se identificar alguns tópicos existenciais a partir da historicidade de Santo Agostinho.

A Estrutura de Pensamento fornece o modo como essa pessoa se estruturou a partir das vivências de seu universo. São trinta tópicos que abordam esse modo de ser, considerando desde sua visão de mundo, até suas emoções, sua expressividade, seus valores, a religiosidade, seus papéis existenciais, seus meios de expressão. Não se trata de uma abordagem puramente racional, a Estrutura de Pensamento é muito mais ampla, abrangendo o modo de ser em devir e em múltiplas dimensões de cada partilhante em especial. A divisão em tantos tópicos pode sugerir a idéia de um processo exaustivo de análise em detrimento da síntese. Mas não é esse o procedimento. A síntese é o objetivo, considerando uma leitura da dos tópicos determinantes, das relações intra e inter tópicos, o todo é maior do que as partes; o partilhante, em seu universo, é o todo.

5.1 ANÁLISE DA ESTRUTURA DE PENSAMENTO DE SANTO AGOSTINHO

É importante salientar que Estrutura de Pensamento em Filosofia Clínica é tudo aquilo que faz parte do universo do partilhante. Tudo o que ele conhece, experimenta, sente, imagina, percebe.

Lúcio Packter entende que a Estrutura de Pensamento como o modo de ser de uma pessoa e que revela sua singularidade existencial.

Ao analisar a Estrutura de Pensamento do partilhante o terapeuta compreende a dinâmica existencial do mesmo e o auxiliar com mais eficiência e profundidade diante das realidades apresentadas pelo partilhante.

Compreendo, portanto, estrutura como algo fundamental e, ao mesmo tempo, flexível, mutável, passível de plasticidade, resta-nos compreender o significado do termo pensamento. Há quem identifique pensamento com racionalidade, cogitando ser a estrutura de pensamento algo puramente racional. Mas não é esse o sentido utilizado em Filosofia Clínica. Em seu significado mais geral, o termo pensamento, segundo Descartes, em Princípios de Filosofia, diz respeito a tudo o que acontece em nós de modo que o percebamos

imediatamente, ou seja, entender, querer, imaginar, sentir, compreendem o pensar.(DI PAULO; NIEDERAUER,2013, p.115)

5.1.1 Como o Mundo Aparece

Neste Tópico, o Filósofo Clínico observará o que a pessoa relatou quando contou sua história de vida, a propósito do meio em que está inserida.

A visão de mundo de Santo Agostinho é marcada profundamente por sua conversão. É possível afirmar que sua mudança de vida, significou não só uma mudança de comportamento, mas também uma reviravolta em seu pensamento filosófico. Num primeiro instante a sua conversão não foi de ordem moral, mas intelectual, ou seja, a busca da verdade, cuja luz revela o caminho para a felicidade. Nota-se também que Santo Agostinho num instante da sua existência foi profundamente marcado por certo contraste religioso, sobretudo, por causa de visão maniqueísta que é uma Seita gnóstica cristã que ensinava a existência de dois princípios eternos: o bem e o mal, isto é, Deus e a matéria em luta perene entre si.

5.1.2 O Que Acha de Si Mesmo

E como hei de te buscar, Senhor? Quando te procuro, meu Deus, estou à procura da felicidade. Esse texto revela que Agostinho está em busca de algo e só encontrando essa realidade é que ele tem a paz.

5.1.3 Pré-Juízos

Agostinho foi mudando de pensamento de acordo com as experiências que ia vivenciando. O mesmo abandonou o maniqueísmo, posteriormente o naturalismo e o ceticismo até encontrar-se com a verdade no Cristianismo.

5.1.4 Emoções

Agostinho expressava suas emoções de forma muito intensa. Nesse período de profunda busca religiosa e filosófica, Agostinho enfrentou uma profunda perda pessoal, ou seja a morte de um amigo íntimo, do qual passou grande parte de sua vida, seja nas brincadeiras de crianças , nos estudos ou nos momentos partilha de vida.

Que dor fez anoitecer o meu coração! Tudo o que via era morte para mim. Tudo o que o lembrava transformava-se para mim em cruelíssimo martírio. Buscavam-no por toda parte meus olhos, e o mundo não mo devolveia. Cheguei a odiar todas as coisas, porque nada o continha, e ninguém mais me podia dizer como antes, quando chegava depois de alguma ausência: “Ali vem ele”. Transformara-me mesmo num grande problema (Confissões, IV. 4).

5.1.5 Termos Agendados no Intelecto

Percebeu-se na historicidade de Agostinho a repetição dos termos **Verdade** e **Felicidade** que mostram uma profunda busca por essas realidades.

5.1.6 Estruturação de Raciocínio

Identificou-se no pensamento agostiniano um raciocínio muito bem estruturado com pensamento lógico e desenvolvimento coerente das informações.

Um dos maiores estudiosos da Patrística, B. altaner, deu o seguinte juízo sobre Agostinho: “O grande bispo unia em si a energia criadora de Tertuliano e a amplitude de espírito de Orígenes com o sentido eclesiástico de Cipriano, a agudeza dialética de Aristóteles com o idealismo elevado e a especulação de Platão, o sentido prático dos latinos com a flexibilidade espiritual dos gregos. Ele foi o maior filósofo da época patrística e, sem dúvida, o mais importante e influente teólogo da Igreja em geral. [...] Aquilo que Orígenes foi para a ciência teológica dos séculos III e IV Agostinho iria ser, de modo muito mais duradouro e eficaz, para toda a vida da Igreja nos séculos posteriores, até a época contemporânea. A sua influência se estendeu não só ao domínio da filosofia, da dogmática, da teologia moral e da mística, mas também à vida social e caritativa, à política eclesiástica e ao direito público. Em resumo, ele foi o grande artífice da cultura ocidental da Idade Média. (REALE; ANTISERI 2002, p.434).

5.1.7 Busca

Esse tópico existencial revela e abarca a vida de Agostinho como um todo. Desde a sua infância ele buscava, tinha grandes aspirações. Ao longo das diversas etapas de sua vida ele se mostrou um incessante aspirador do bem, da verdade, do amor e da felicidade. Essa busca só encerrada quando ele se encontra com a verdade e a felicidade.

Nesse texto encontramos claramente esse tópico da Busca e a realização de Agostinho em encontrar o que sempre almejou.

Tarde Te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova... Tarde Te amei! Trinta anos estive longe de Deus. Mas, durante esse tempo, algo se movia dentro do meu coração... Eu era inquieto, alguém que buscava a felicidade, buscava algo que não achava... Mas Tu Te compadeceste de mim e tudo mudou, porque Tu me deixaste conhecer-Te. Entrei no meu íntimo sob a Tua Guia e consegui, porque Tu Te fizeste meu auxílio. Tu estavas dentro de mim e eu fora... “Os homens saem para fazer passeios, a fim de admirar o alto dos montes, o ruído incessante dos mares, o belo e ininterrupto curso dos rios, os majestosos movimentos dos astros. E, no entanto, passam ao largo de si mesmos. Não se arriscam na aventura de um passeio interior”. Durante os anos de minha juventude, pus meu coração em coisas exteriores que só faziam me afastar cada vez mais d’Aquele a Quem meu coração, sem saber, desejava... Eis que estavas dentro e eu fora! Seguravam-me longe de Ti as coisas que não existiriam senão em Ti. Estavas comigo e não eu Contigo... Mas Tu me chamaste, clamaste por mim e Teu grito rompeu a minha surdez... “Fizeste-me entrar em mim mesmo... Para não olhar para dentro de mim, eu tinha me escondido. Mas Tu me arrancaste do meu esconderijo e me puseste diante de mim mesmo, a fim de que eu enxergasse o indigno que era, o quão deformado, manchado e sujo eu estava”. Em meio à luta, recorri a meu grande amigo Alípio e lhe disse: “Os ignorantes nos arrebatam o céu e nós, com toda a nossa ciência, nos debatemos em nossa carne”. Assim me encontrava, chorando desconsolado, enquanto perguntava a mim mesmo quando deixaria de dizer “Amanhã, amanhã”... Foi então que escutei uma voz que vinha da casa vizinha... Uma voz que dizia: “Pega e lê. Pega e lê!”. Brilhaste, resplandeceste sobre mim e afugentaste a minha cegueira. Então corri à Bíblia, abri-a e li o primeiro capítulo sobre o qual caiu o meu olhar. Pertencia à carta de São Paulo aos Romanos e dizia assim: “Não em orgias e bebedeiras, nem na devassidão e libertinagem, nem nas rixas e ciúmes. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo” (Rm 13,13s). Aquelas Palavras ressoaram dentro de mim. Pareciam escritas por uma pessoa que me conhecia, que sabia da minha vida. Exalaste Teu Perfume e respirei. Agora suspiro por Ti, anseio por Ti! Deus... de Quem separar-se é morrer, de Quem aproximar-se é ressuscitar, com Quem habitar é viver. Deus... de Quem fugir é cair, a Quem voltar é levantar-se, em Quem apoiar-se é estar seguro. Deus... a Quem esquecer é perecer, a Quem buscar é renascer, a Quem conhecer é possuir. Foi assim que descobri a Deus e me dei conta de que, no fundo, era a Ele, mesmo sem saber, a Quem buscava ardentemente o meu coração. Provei-Te, e, agora, tenho fome e sede de Ti. Tocaste-me, e agora ardo por Tua Paz. “Deus começa a habitar em ti quando tu comesas a amá-Lo”. Vi dentro de mim a Luz Imutável, Forte e Brilhante! Quem conhece a Verdade conhece esta Luz. Ó Eterna Verdade! Verdadeira Caridade! Tu és o meu Deus! Por Ti suspiro dia e noite desde que Te conheci. E mostraste-me então Quem eras. E irradiaste sobre mim a Tua Força dando-me o Teu Amor! E agora, Senhor, só amo a Ti! Só sigo a Ti! Só busco a Ti! Só ardo por Ti!... Tarde te amei! Tarde Te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu Te amei! Eis que estavas dentro, e eu, fora – e fora Te buscava, e me lançava, disforme e nada belo, perante a beleza de tudo e de

todos que criaste. Estavas comigo, e eu não estava Contigo... Seguravam-me longe de Ti as coisas que não existiriam senão em Ti. Chamaste, clamaste por mim e rompestes a minha surdez. Brilhaste, resplandeceste, e a Tua Luz afugentou minha cegueira. Exalaste o Teu Perfume e, respirando-o, suspirei por Ti, Te desejei. Eu Te provei, Te saboreei e, agora, tenho fome e sede de Ti. Tocaste-me e agora ardo em desejos por Tua Paz!(AGOSTINHO,2008)

5.1.8 Paixão Dominante

Agostinho era apaixonado pela felicidade, pela busca da felicidade. Essa sua ânsia o levou para caminhos tortuosos, mas ao encontrar-se com a verdadeira felicidade abandonou as demais paixões efêmeras e seus pensamentos filosóficos até então considerados como fundamentais e verdadeiros.

De sua mãe Agostinho herdou um apaixonado desejo de conhecer verdade e a felicidade que uma vez conhecida abraçou com todo seu coração, pois Agostinho tornou-se um defensor intrépido do cristianismo frente a verdade conhecida. Viu em sua mãe uma mulher decidida, que mesmo frente às aparentes impossibilidades de mudanças de vida, pode contemplar a conversão de seu esposo e também a sua.

5.1.9 Espacialidade

Nesse tópico percebe-se na historicidade de Santo Agostinho o deslocamento longo que além de objetos, refere-se também a pessoas, lembranças, ideias abstratas.

Educada assim na modéstia e na temperança, mais sujeita a seus pais pela tua mão que por seus pais a ti, logo que chegou à idade núbil, foi dada em matrimônio a um homem, a quem serviu como a senhor. Procurou conquistá-lo para ti, falando-lhe de ti com suas virtudes, com as quais tu a tornavas bela e reverentemente amável e admirável ante seus olhos. Suportou suas infidelidades conjugais com tanta paciência, que jamais teve com ele a menor briga por isso, pois esperava que tua misericórdia viria sobre ele, e que lhe trouxesse, com a fé, a castidade. Seu marido, se de um lado era sumamente afetuoso, por outro era extremamente colérico, mas ela tinha o cuidado de não contrariá-lo nem com ações, nem com palavras, se o visse irado. Logo que o via calmo por acaso se tivesse irritado desmedidamente. (AGOSTINHO, 2008).

5.1.10 Axiologia

De acordo com o Compendio da filosofia clinica – Caso Nina, a axiologia é o peso subjetivo dos valores apresentados pelo partilhante na historicidade. Em Agostinho identifica-se esse tópico quando ele considera o que recebeu dos valores maternos que influenciavam a sua personalidade.

Quando se olha para vida de Agostinho é possível perceber que sua mãe o afetou profundamente por seu exemplo de cristã piedosa, filha obediente fiel esposa e mãe amorosa. Agostinho recorda que Mônica era uma mulher virtuosa tanto como filha, pelo amor e respeito que dispensava para seus pais. e como esposa, pela sua paciência, suavidade e capacidade de gerar a reconciliação e paz familiar

5.1.11 Singularidade Existencial

Na historicidade constatou-se um aspecto de singularidade existencial quando Santo Agostinho teve uma revelação que lhe abriu a mente e o coração para uma experiência profunda com Deus. Depois de tanta luta, Agostinho foi a um jardim chorar, quando de repente ouviu a voz de uma criança que disse: “Toma e lê”. Obediente, abriu as Sagradas Escrituras e leu a Carta de São Paulo aos Romanos, no capítulo 13, 13-14. Assim ele narra:

Assim falava, e chorava oprimido pela mais amarga dor do meu coração. Mas eis que, de repente, ouço da casa vizinha uma voz, de menino ou menina, não sei, que cantava e repetia muitas vezes: “Toma e lê, toma e lê”. E logo, mudando de semblante, comecei a buscar, com toda a atenção em minhas lembranças se porventura esta cantiga fazia parte de um jogo que as crianças costumassem cantarolar; mas não me lembrava de tê-la ouvido antes. Reprimindo o ímpeto das lágrimas, levantei-me. Uma só interpretação me ocorreu: a vontade divina mandava-me abrir o livro e ler o primeiro capítulo que encontrasse. Tinha ouvido dizer que Antão, assistindo por acaso a uma leitura do Evangelho, tomara para si esta advertência: “Vai, vende tudo o que tens, dá-lo aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-me” – e que esse oráculo decidira imediatamente sua conversão. Depressa voltei para o lugar onde Alípio estava sentado, e onde eu deixara o livro do Apóstolo ao me levantar. Peguei-o, abri-o, e li em silêncio o primeiro capítulo que me caiu sob os olhos: “Não caminheis em glotonarias e embriaguez, não nos prazeres impuros do leito e em levandades, não em

contendas e rixas; mas revesti-vos de nosso Senhor Jesus Cristo, e não cuideis de satisfazer os desejos da carne”. (AGOSTINHO, 2008).

5.1.12 Princípio de Verdade

Santo Agostinho vai formando seus princípios através da herança axiológica recebida de seus pais, sobretudo, da mãe. Também através de seus estudos em Tagaste, na ‘Escola de Madaura’, na Numídia (atual Argélia) e em Roma. Ele também teve uma forte influencia de Santo Ambrosio, Bispo de Milão.

Em Milão, portanto, Agostinho enquanto exercia seu trabalho junto ao império, ouviu falar de Ambrósio, bispo de Milão que era versado na arte da retórica. Assim, no desejo de encontrar a felicidade, Agostinho começou a ouvir os sermões de Ambrósio na catedral de Milão. Primeiro o ouvia pela arte de falar que lhe deixava impressionado pela eloquência com que discursava e depois pela verdade contida nos seus sermões. Agostinho conta no seu livro quinto das confissões como foi à acolhida que recebeu de Santo Ambrósio.

5.2 Estruturação de Raciocínio e Emoções

Identifica-se as fortes emoções manifestadas por Agostinho dentro de uma estruturação de raciocínio bastante peculiar.

Tarde Te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova... Tarde Te amei! Trinta anos estive longe de Deus. Mas, durante esse tempo, algo se movia dentro do meu coração... Eu era inquieto, alguém que buscava a felicidade, buscava algo que não achava... Mas Tu Te compadeceste de mim e tudo mudou, porque Tu me deixaste conhecer-Te. Entrei no meu íntimo sob a Tua Guia e consegui, porque Tu Te fizeste meu auxílio. Tu estavas dentro de mim e eu fora... (AGOSTINHO,2008).

5.3 CONFLITO DE TÓPICOS

Na estrutura de pensamento de Santo Agostinho observa-se o conflito entre os seguintes tópicos.

5.3.1 Sensorial e Abstrato

Agostinho recebe todo o carinho maternal e isso estimula a ser sensível (sensorial) diante das pessoas e situações. Todavia, Agostinho está muito ligado também às

realidades abstratas dos conceitos filosóficos, por exemplo. Somente quando ele consegue equilibrar esses dois aspectos é que ele teve a capacidade de estruturar-se para assumir toda a sua busca e espiritualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho científico procurou desenvolver a seguinte problemática partindo da Concepção Agostiniana: A felicidade pode ser caracterizada como uma busca existencial humana?

De acordo com o que foi exposto no trabalho constatou-se que a felicidade na reflexão agostiniana é uma característica inerente à natureza humana. E essa constatação foi possível de ser verificada através do estudo clínico-filosófico da historicidade de Agostinho.

Verificou-se que a felicidade na concepção agostiniana é compreendida como uma busca que o conduz ao encontro de uma verdade absoluta: Deus. Era assim que ele compreendia a Felicidade.

Identificou-se a partir desse trabalho que Santo Agostinho desde a sua infância teve sempre uma sede muito grande pela felicidade. No entanto, nessa busca esse passou por vários caminhos: a via acadêmica; a via moral (vícios, prazeres, desordens) até ele encontrar a via da Fé que lhe abriu a mente e o coração para a Felicidade.

Essa pesquisa visou despertar nos leitores a consciência do sentido da busca existencial de forma geral e especificamente da busca da felicidade. Por isso, essa pesquisa foi e é extremamente viável pela sua relevância diante dos dramas existenciais dos tempos hodiernos.

A partir da análise filosófico-clínica da historicidade de Santo Agostinho observa-se que a Felicidade pode ser caracterizada como uma busca existencial humana.

Agostinho encontrou-se com a Felicidade quando ele teve uma forte experiência com Deus. Assim a concepção Agostiniana está profundamente relacionada à Fé. Contudo, mesmo antes da sua conversão Agostinho impulsionado pela razão buscava a felicidade.

Partindo da autobiografia de Santo Agostinho na obra “Confissões” observou-se que a felicidade culmina no encontro com Deus que segundo o próprio Agostinho é a fonte da verdade e da felicidade.

Agostinho diz que todos desejam ser felizes, embora muitos buscam vias que não conduzem a esse fim, pois não procuram a alegria que vem de Deus que é, portanto, de acordo com Agostinho, a verdadeira e suprema felicidade.

Por fim, acredita-se que se alcançou o objetivo desse trabalho científico de motivar o leitor a buscar também a felicidade. Entretanto, ainda há um campo vasto de estudo para ser explorado dessa problemática da busca da felicidade.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. Revisão cotejada com o texto latino por Antonio da Silveira Mendonça. 20 ed. São Paulo: Paulus, 2008 (Patrística).

AGOSTINHO, Santo. **O Livre-Arbítrio**. Tradução, organização, introdução e notas Nair de Assis Oliveira. Revisão Honório Dalbosco. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2008 (Patrística).

AGOSTINHO, Santo. **Solilóquios e A vida feliz**. Tradução, Nair de Assis Oliveira. Introdução e notas Adaury Fiorotti. 4 ed. São Paulo: Paulus, 2010. (Patrística).

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova cultural 1996, Livro I. (Coleção Pensadores).

PAULO, Margarida Nichele Di; NIEDERAUER, Mariza Zambom. **Compêndio de filosofia clínica – caso Nina**. 1º ed. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2013.

SILVEIRA, D. M. **Algumas considerações sobre a ideia de verdade ao longo da história do pensamento filosófico e a filosofia Clínica**. Artigo da faculdade Católica de Anápolis, 2016.

